

Educação Escolar Indígena

CAPA

A vez e a voz indígenas no 3º grau

Universidade mato-grossense buscou experiência em outros países para atender turma de 200 professores de 37 etnias

FOTOS JULIO CÉSAR PAES



Filadelfo de Oliveira, professor na aldeia Umutina (MT) e aluno na Unemat

IONICE LORENZONI
Enviada especial da ACS/MEC

Barra do Bugres (MT) – No interior de Mato Grosso se desenvolve, desde julho de 2001, o primeiro curso universitário para professores indígenas brasileiros, 193 anos depois da abertura da Faculdade de Medicina de Salvador (BA), criada por Dom João VI, em 1808, para atender os filhos da elite do Império. A turma tem 200 professores de 23 etnias de Mato Grosso e outras 14 etnias dos estados da Bahia, Ceará, Acre, Minas Gerais, Amazonas, Alagoas, Paraíba, Tocantins, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Projeto de Formação de Professores Indígenas – específico e diferenciado, assentado numa política pública que garante os direitos e saberes dos índios – é a soma de um trabalho feito a muitas mãos. A construção do 3º Grau Indígena, em execução no *campus* universitário de Barra do Bugres, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), durou cinco anos e dela participaram, entre outros, o Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, a Secretaria de Educação (Seduc), a Fundação Nacional do Índio

(Funai), universidades, índios, antropólogos, indigenistas, organizações não-governamentais (OnG) e o Programa das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Experiência – De acordo com o coordenador do 3º Grau Indígena, Elias Januário (*), para montar o projeto, a Unemat foi buscar a experiência de universidades indígenas no Canadá, Equador, México e Nicarágua. Embora o projeto esteja em permanente construção, seu formato foi definido em 2000. Respalhada pela Resolução 3/99, do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC), que fixa diretrizes curriculares para a Educação Indígena e responsabiliza os estados por sua oferta e execução, a Unemat negociou com o governo de Mato Grosso o custo do projeto. São R\$ 3 milhões para todas as etapas, que acontecem em julho e janeiro de cada ano, até janeiro de 2006.

São parceiros neste projeto, o governo do estado, por meio da Seduc e Unemat, e a Funai, com o apoio pedagógico e técnico do Ministério da Educação, Fundação Nacional de Saúde e a Prefeitura Municipal de Barra do Bugres.

Conteúdo do curso faz a diferença

O que diferencia o 3º Grau Indígena do currículo dos cursos universitários oferecidos em instituições públicas e privadas é o conteúdo abordado em grandes temas construídos com a participação dos índios. "Um dos pilares que sustenta o projeto é o diálogo entre as culturas", explica Elias Januário. O curso tem uma parte presencial, em julho e janeiro, e outra na aldeia, onde os alunos desenvolvem pesquisas e aplicam o que aprenderam sob a supervisão dos professores.

Em julho de 2001, por exemplo, os universitários indígenas discutiram *Gênese*, tema com diferentes enfoques: as origens do universo e da vida do ponto de vista dos cientistas x mitos das culturas ali reunidas e entraram em conteúdos da Física (origem do universo), das Ciências Sociais (teorias da evolução), da Antropologia (os mitos) etc. Em janeiro de 2002, o tema central foi o *Tempo*, onde os professores estudaram Química (decomposição de materiais como papel, alumínio, madeira), Física (os marcadores do tempo: relógio, floração, fases da lua, canto dos pássaros), Ciências Sociais (o tempo histórico, as sociedades antigas como os Incas, Maias, Astecas, egípcios).

Em todas as discussões, os alunos/professores identificam como aplicar os conhecimentos da sala de aula nas aldeias. Quando discutiram o *Tempo*, uma das tarefas que se impôs foi como resolver o problema do lixo nas comunidades onde vivem e trabalham. Dessa forma, diz o coordenador do 3º Grau Indígena, são atendidos os objetivos de melhorar a Educação, a saúde e a vida nas comunidades.

Para atender essa clientela diferenciada, a Unemat contratou professores abertos ao diálogo, com trabalho em Educação Indígena, que aceitam o saber do índio e dispostos a visitar as aldeias para avaliar o desempenho dos universitários nos intervalos entre as etapas pre-

senciais. O corpo docente conta com cerca de 50 mestres e doutores de universidades reconhecidas como a Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre outras.

Carga horária – O 3º Grau Indígena oferece cursos nas áreas de Ciências Matemáticas e da Natureza, Ciências Sociais, Línguas, Artes e Literatura. A carga horária é de 3.570 horas distribuídas em: estudos presenciais, 1.900 horas; ensino e pesquisa, 1.250 horas; estágios supervisionados, 420 horas. Os cursos foram iniciados em julho de 2001 e terminam em janeiro de 2006.

As etapas do curso são desenvolvidas de forma intensa e presencial durante o recesso escolar (janeiro e julho) no *campus* universitário do Vale do Rio Bugres, em Barra do Bugres.

Etnias – O projeto é integrado por 37 etnias, que habitam 109 aldeias em 24 municípios de Mato Grosso e em 20 aldeias, em 13 municípios de 11 estados.

Das 37 etnias, 23 são de Mato Grosso: Umutina, 10 professores; Bororo, 29; Xavante, 60; Pareci, 12; Irantxe, 4; Bakairi, 16; Tapirapé, 7; Karajá, 5; Rikbaktsa, 10; Nambikwara, 3; Kayabi, 5; Apiaká, 2; Terena, 1; Ikpeng, 3; Mehinako, 2; Kamaiurá, 2; Juruna, 2; Kuikuro, 1; Kalapalo, 1; Matipu, 1; Trumari, 1; Munduruku, 1 e Suyá, 2.

Os professores de outras 14 etnias lecionam em 20 aldeias de 11 estados. São professores Kaxinawá, 1; Manchiuri, 1; Wassu Coca, 1; Baniwa, 2; Tikuna, 1; Baré, 1; Pataxó, 3; Tuxá, 1; Tapeba, 2; Tupinikim, 1; Potiguar, 1; Tukano, 1; Karajá, 1 e Kaingang, 3.

(*) Elias Januário, 36 anos, historiador, doutor em Educação, participou de todo o processo de formulação do projeto. É fundador do Núcleo de Estudos Indígenas em Cáceres e membro do Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso.